

Coleção
Tradução Editorial
e Literária

O nascimento do telefone

Herbert N. Casson



Por que o mar é salgado?

Andrew Lang





E-book

Coleção
Tradução Editorial
e Literária

O nascimento do telefone

Herbert N. Casson

Por que o mar é salgado?

Andrew Lang



© 2025 Amanda Moura Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à Amanda Moura Editorial.

Coordenação Editorial

Amanda Moura

Revisão de Tradução

Fabiana Poppius

Revisão de Prova

Larissa Corrêia Bifi

Diagramação

Lorena Corrêia Bifi

Ilustrações da capa e do miolo

macrovector / Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O nascimento do telefone e Por que o mar é salgado?
[livro eletrônico] / Herbert N. Casson e Andrew Lang ;
coordenação da tradução por Amanda Moura. - São Paulo : Ed.
do autor, 2025.

1,22 Mb ; PDF

[trechos das obras]

Diversos tradutores

ISBN 978-65-01-32088-5 (e-book)

Título original: The History of the Telephone e Why The Sea
is Salt

1. Curiosidades 2. Invenções - Telefone I. Títulos II.
Casson, Herbert N. III. Lang, Andrew IV. Moura, Amanda

25-0267

CDD 001.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Curiosidades



Apresentação

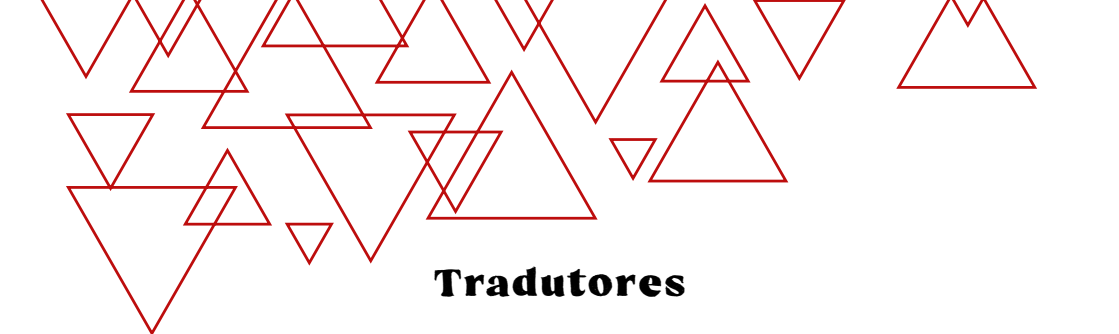
Os textos que você verá aqui são o resultado do trabalho coletivo feito com a turma durante o curso Tradução Editorial e Literária (ing./port.), que ministrei na Amanda Moura Editorial em 2023. Esse curso EAD foi apresentado em formato híbrido: sete aulas gravadas e outras três ao vivo, também gravadas. Desde a abertura do curso, eu já havia estabelecido no cronograma que traduziríamos dois textos de maneira coletiva, que foram trabalhados durante as aulas ao vivo. Mas nunca seleciono os textos previamente, pois conhecer a turma, seu perfil e (des)interesses (também me permito, às vezes, selecionar aquilo que “incomoda” e que não interessa, pois é nessas duas extremidades que opera o tradutor) é fundamental para que o resultado da empreitada seja efetivo.

Escolher um texto para tradução nunca é tarefa fácil, por mais singela que seja a intenção. Há sempre muitas questões envolvidas (tempo, público, tema(s) de possível interesse, para citar algumas), mas há também a opção de não se pensar em nada disso, afinal, os textos circulam e todo tradutor profissional vai lidar com os mais variados gêneros, prazos, manuais, clientes. Creio que a minha escolha foi norteadada um pouco pelas duas frentes. O principal critério para a seleção foi, a princípio, o gênero: precisávamos de um texto de não ficção e outro de ficção, visto o objetivo de levar os alunos e as alunas à prática de tradução de ambos, discutindo suas possibilidades e também, claro, impossibilidades. Além disso, era preciso que os textos fossem de domínio público, dadas as questões de direitos autorais.

Foi assim que cheguei a *The History of the Telephone*, de Herbert N. Casson, e *Why The Sea is Salt*, de Andrew Lang. É claro que não posso negar minhas motivações pessoais. Descobrir a história por trás de grandes descobertas sempre me fascina e conhecer as origens de um recurso tão presente no nosso dia a dia quanto o telefone certamente influenciou a minha escolha. Em relação a *Why The Sea is Salt* [Por que o mar é salgado?], a pergunta do título em si me cativou de primeira. Afinal, quem nunca se fez essa pergunta, em algum momento da vida? O resultado dessa experiência foi proveitoso e, como sempre acontece nas aulas de prática de tradução, transformador. Você verá aqui uma única versão de tradução de cada texto, mas saiba que ela é resultado de extensas e proveitosas discussões de variadas espécies, que partem de perguntas como: “Mas havia esse apetrecho na época 'X'?”, “O público vai entender se escolhermos um termo técnico assim?”, “Esse tipo de prato é reconhecido no Brasil?”, ou “Se o texto é infantil, seria esse o tom apropriado?”, entre outras infinitas perguntas e observações. Também é importante que saiba que a tradução de *The History of the Telephone* [A história do telefone] corresponde a um pequeno trecho do texto, pois, por limitações de tempo e espaço, não seria possível traduzir o conteúdo completo; quanto a *Why The Sea is Salt*, encontra-se aqui a tradução do conto na íntegra.

Esperamos que você goste do que vai ler. E que esqueça (sim, “esqueça”) que é uma tradução. Faz parte do jogo. Se você lê como quem está tendo contato com o texto-fonte (prefiro esse termo a “original”), significa que cumprimos (ao menos minimamente) o nosso papel.

Amanda Moura
Professora, tradutora e coordenadora do projeto



Tradutores

Agradeço muitíssimo todos os alunos e alunas que listo aqui por terem aceitado embarcar nesta aventura. Participaram desta tradução:

Aidana Schons
Amanda Cruz
Ana Lúcia Miranda
Caroline Andrade
Débora Cristina Nestal
Edilene Balestrin
Fabiana Poppius
Giovanna Pego
Gisele Souza
Helena Kondo
Hyana Rocha

Isadora Gava
João Jorge
Juliana Briotto
Leonardo Lemos
Leonardo Queiroz
Maria Teresa Moraes
Maria Verônica dos Santos
Rafaela Franceschini
Regina Maria de Souza
Sandra Rinaldi
Silvana Frederico



O nascimento do telefone

Herbert N. Casson

No longínquo ano de 1875, quando o telégrafo e o cabo submarino transatlântico eram o que havia de mais moderno, um jovem e alto professor de elocução trabalhava sem descanso em uma barulhenta oficina mecânica, localizada em uma das ruas estreitas de Boston, não muito longe da Scollay Square. A tarde abafada de junho não era um problema para ele, que não se importava com o calor e a sujeira da oficina. Estava inteiramente empenhado em desenvolver uma máquina inédita, uma espécie de instrumento rudimentar com uma palheta feita de mola de relógio, um ímã e um fio. A engenhoca parecia um brinquedo exótico. Era diferente de tudo que já havia sido feito em qualquer lugar do mundo. O jovem professor trabalhou nela por três anos sem nenhum resultado, até que, em uma tarde quente de junho de 1875, ouviu um som quase inaudível — um *triiim* — que irrompeu da própria máquina.

Era uma surpresa e tanto. Esperava por aquele som há meses, mas foi tão repentino que o professor ficou espantado. Com os olhos reluzentes, admirado, ele deu um pulo e correu ansioso até a sala ao lado, onde trabalhava seu jovem assistente.

— Mexe naquela palheta de novo, Watson — pediu sem entender muito bem o que estava se passando.

Em ambas as salas, parecia haver uma daquelas máquinas esquisitas, conectadas por um fio elétrico. Watson mexeu na palheta da máquina da sala onde estava e o professor ouviu a dele emitir exatamente o mesmo som. Não era tão

diferente do leve *triiim* de uma mola de relógio, mas, pela primeira vez na história, um som completo era transmitido por um fio, reproduzido com perfeição do outro lado da linha e escutado por um especialista em acústica.

O tilintar da mola de relógio foi o primeiro choro tímido do telefone recém-nascido, proferido em meio a uma oficina barulhenta e ouvido por um entusiasta cuja audição havia sido treinada para reconhecer a voz estranha do pequeno recém-chegado. Ali, em meio a correias e engrenagens vibrantes, nascia o bebê-telefone, tão delicado e indefeso quanto qualquer bebê, que “sem ter como se expressar por palavras, chora”.

O professor-inventor que salvou a vida daquele pequeno enjeitado da ciência era de origem escocesa, naturalizado norte-americano. Seu nome, hoje tão conhecido quanto o próprio telefone, era Alexander Graham Bell. Ele era professor de acústica e estudante de eletricidade, possivelmente o único homem de sua geração capaz de unir o conhecimento dessas duas áreas para desenvolver o telefone.

Talvez aquele som extremamente baixo soasse tão inaudível quanto o próprio silêncio para alguns; mas para Bell aquele ruído sutil irrompeu tão alto quanto um trovão. Era um sonho se realizando, algo impossível que, de repente, se tornara tão tangível e real a ponto de ele mal acreditar. Sem nenhuma bateria sequer, com nada além de uma corrente elétrica produzida por um par de ímãs, as ondas sonoras foram transmitidas pelo fio e soaram na outra extremidade. Era surreal, incrível. Um feito jamais alcançado por nenhum fio e nem eletricidade. Inacreditável. E verdadeiro.

Foi uma descoberta nada acidental. O último elo de uma longa cadeia de descobertas, o resultado de uma busca persistente e deliberada... Já fazia seis meses ou mais que Bell conhecia a teoria correta do telefone, mas não havia

percebido que a fraca corrente ondulatória gerada por um ímã era forte o bastante para transmitir a fala. Ele havia aprendido a subestimar a incrível eficácia da eletricidade.

O próprio Bell era tão qualificado que não era só professor das leis da fala, mas também docente na Universidade de Boston. O pai, os dois irmãos, o tio e o avô também tinham ensinado as leis da fala nas universidades de Edimburgo, Dublin e Londres. Por três gerações, os Bell tinham sido professores dessa ciência, que ajudaram a criar ao longo de várias invenções. O primeiro deles, Alexander Bell, tinha inventado um sistema para a correção da gagueira e de defeitos semelhantes da fala. O segundo, Alexander Melville Bell, foi o decano dos elocucionistas britânicos, um homem de inteligência criativa e com uma impressionante facilidade de retórica. Foi autor de uma dezena de livros sobre a arte de falar corretamente, bem como de uma linguagem de sinais muito inventiva que ele chamou de “fala visível”. Cada letra do alfabeto dessa linguagem representava uma determinada ação dos lábios e da língua; assim proporcionou-se um novo método para aqueles que desejavam aprender línguas estrangeiras ou falar a própria língua de forma mais correta. E o terceiro dos Bell a trabalhar pela melhoria da fala, o inventor do telefone, herdou a genialidade peculiar dos seus antepassados, tanto inventiva quanto retórica, a tal ponto que, quando menino, tinha construído um crânio artificial de *gutta-percha* (uma substância do látex e borracha indiana) que, quando estimulado e animado por um sopro de ar de um fole de mão, pronunciava várias palavras de maneira quase humana.

O terceiro Bell, o único dessa notável família que nos interessa neste momento, era um jovem de apenas 28 anos na época em que seu ouvido captou o primeiro choro do telefone. Mas ele já era um homem que se destacava por seus

méritos. Estudou em Edimburgo, cidade onde nasceu, e em Londres. Em seus estudos, aprendeu um pouco de anatomia, música, eletricidade e telegrafia. Até os dezesseis anos, só havia lido romances, poesias e histórias românticas sobre heróis escoceses. Saiu de casa para ensinar elocução em várias escolas britânicas e, quando atingiu a maioridade, já havia feito várias pequenas descobertas sobre os sons das vogais. Pouco tempo depois, em Londres, conheceu dois homens ilustres, Alexander J. Ellis e Sir Charles Wheatstone, que nunca souberam o quanto contribuíram para levar Bell à criação do telefone.

Ellis era presidente da Sociedade de Filologia de Londres. Era também o tradutor do famoso livro *On The Sensations of Tone* [As Sensações do Tom], escrito por Helmholtz, que havia feito de Berlim a capital mundial dos estudos de física entre 1871 e 1894. Assim, quando o jovem e entusiasmado Bell relatou seus experimentos, Ellis lhe explicou que anos antes Helmholtz já tinha feito as mesmas coisas e de forma mais completa. Levou Bell a sua casa e lhe mostrou o que o cientista alemão fizera — como manteve diapasões vibrando pela ação de eletroímãs e como misturou o timbre de diferentes diapasões para reproduzir a complexidade da voz humana.

Mas Helmholtz não estava tentando inventar o telefone nem nenhum tipo de transmissor de mensagens. Seu objetivo era determinar os fundamentos físicos da música, e só. Mas o fato de um eletroímã fazer um diapasão vibrar era novidade para Bell, e uma novidade muito interessante, que o atraiu de imediato, como estudioso da fala. Se um diapasão vibrava por meio de ímã ou fio eletrificado, por que não seria possível fazer um telégrafo musical — um telégrafo com um teclado de piano — que pudesse transmitir várias mensagens ao mesmo tempo, através de um único fio? Sem

que Bell soubesse, já havia vários inventores trabalhando na mesma questão, com poucos resultados. Mas essas descobertas serviram como um ponto de partida e, dali em diante, Bell começaria as pesquisas que o levariam ao telefone.

[...]



Por que o mar é salgado?

Andrew Lang

Era uma vez, há muito, muito tempo, dois irmãos, um rico e um pobre. Na véspera de Natal, o que não tinha nada para comer, nem carne nem pão, foi até seu irmão e lhe implorou, pelo amor de Deus, que lhe desse algo para o dia de Natal. Não era a primeira vez que isso acontecia e sempre deixava o irmão rico aborrecido.

— Se você fizer o que vou lhe pedir, vai ganhar um pernil — disse ele. O irmão pobre imediatamente lhe agradeceu e prometeu que faria o que ele dissesse.

— Muito bem, tome aqui o pernil. Agora você deve ir direto para a Toca do Diabo — disse o irmão rico.

— Bom, vou cumprir o prometido — disse ele. Pegou o pernil e foi embora. Caminhou o dia todo e já anoitecia quando viu uma luz brilhante.

Tenho certeza que é aqui, pensou o irmão.

Um senhor de longas barbas brancas estava no alpendre, cortando achas de madeira para o Natal.

— Boa noite — cumprimentou o homem com o pernil.

— Boa noite. Para onde vai assim tão tarde?

— Estou a caminho da Toca do Diabo, se é que esse é mesmo o caminho — respondeu o irmão pobre.

— Ah, pois não, é aqui mesmo — respondeu o velho. — Ouça, assim que entrar, todos vão querer comprar o seu pernil, pois não se acha muita carne para comer lá dentro; mas você não deve vendê-lo, a menos que apanhe o moedor que fica atrás da porta. Quando sair, eu o ensino a parar o moedor, que tem mil e uma utilidades.

O homem com o pernil agradeceu o bom conselho e bateu na porta.

Assim que entrou, as coisas aconteceram exatamente como o velho havia previsto: todas as pessoas, tanto as grandes quanto as pequenas, se aglomeraram ao seu redor feito formigas no açucareiro, e cada uma tentava superar o lance da outra no leilão que se formou para decidir quem ficaria com o pernil.

— Minha senhora e eu merecemos o pernil por direito, para fazer nossa ceia de Natal, mas como percebo que o desejam muito, estou disposto a abrir mão dele — disse o homem —, mas se o vender, quero o moedor que está atrás da porta em troca.

A princípio eles não deram ouvidos e continuaram a pechinchar e a barganhar com o rapaz, mas ele se manteve firme na proposta, até que todos concordaram que o moedor fosse levado em troca do pernil. Assim que saiu, o homem pediu ao velho lenhador que o ensinasse como fazer o moedor parar, e agradeceu-o assim que aprendeu, batendo em retirada para casa tão rápido quanto pôde, mas só conseguiu chegar depois da meia-noite, quando já era Natal.

— Onde você se meteu? — perguntou a mulher dele. — Estou te esperando há um tempão e não tem nem um gravetinho pra gente esquentar a panela para a ceia de Natal.

— Ah! Não consegui chegar antes, tinha algo importante para tratar, eu estava muito longe, mas agora você vai ver! — disse o homem. Então colocou o moedor na mesa e ordenou que viesse a luz, depois a toalha de mesa e então a carne, a cerveja e tudo mais que fosse bom para a ceia de Natal. O moedor obedecia a todas as suas ordens.

— Valha-me Deus! — disse a mulher à medida que as coisas apareciam, uma após outra. Ela quis saber onde o marido tinha conseguido o moedor, mas ele não quis dizer.

— Não se preocupe com isso. O que importa é que agora estamos bem. Veja! A água que sai dele nunca congela! — exclamou o homem. E continuou a ordenar que o moedor fizesse carne, bebida e todo tipo de comida que consumiriam durante toda a época de Natal. No terceiro dia, convidou todos os amigos para um banquete.

Porém, quando o irmão rico viu tudo o que havia no banquete e na casa, ficou enraivecido e zangado, pois invejava tudo o que o irmão tinha. *Na véspera de Natal, ele não tinha o que comer, era tão pobre que veio até mim e implorou pelo amor de Deus que lhe desse alguma migalha, e agora dá uma festança como se fosse um rei!*, pensou.

— Mas, pelo amor de Deus, diga-me de onde tirou suas riquezas — perguntou.

— Detrás da porta, ué — respondeu, pois decidiu não satisfazer a curiosidade do irmão. Mas à noite, depois de beber além da conta, ele não se conteve e contou como havia encontrado o moedor. — Veja, aqui está o que me trouxe toda essa riqueza! — disse, mostrando o artefato, e ordenou que fizesse uma coisa atrás da outra.

Quando o irmão rico viu aquilo, teimou que queria porque queria ficar com o moedor; até que depois de muita insistência, conseguiu negociar. Mas teria que pagar trezentos dólares, e o irmão pobre ficaria com o moedor até o fim da colheita de feno, pois pensou: *Se eu ficar com ele esse tempo todo, posso mandá-lo fazer comida e bebida para durar muitos anos!*

Nesse período, imagine só, o moedor não enferrujou. E quando chegou o fim da colheita de feno, o irmão rico o pegou, mas o outro irmão, de propósito, não o ensinou como fazer o artefato parar. Já era noite quando o homem rico chegou em casa. E, pela manhã, pediu à esposa que saísse e espalhasse feno atrás dos segadores, e disse que ele mesmo ia arrumar a casa naquele dia.

Então, perto da hora do jantar, ele colocou o moedor na mesa da cozinha e ordenou:

— Faça arenques e sopa de leite, faça direito e agora mesmo!

E assim foi feita a vontade dele. O moedor começou a fazer arenque e sopa em quantidade suficiente para encher todos os pratos e tigelas da casa e logo começou a derramar tudo no chão da cozinha. O homem virou, sacudiu, torceu, fez tudo o que se possa imaginar para o moedor parar, mas foi em vão: ele continuava a girar. Logo o volume de sopa ficou tão alto que o homem estava a ponto de se afogar. Ele abriu a porta da sala, o moedor continuou fazendo mais e mais sopa, e rapidamente a sala também ficou abarrotada. Com dificuldade, atravessou aquele rio de sopa até alcançar a maçaneta da porta. Conseguiu abri-la e saiu correndo, mas os arenques e a sopa se esparramaram atrás dele e cobriram todo o campo e a fazenda. A senhora, que estava espalhando feno, estranhou a demora do jantar e comentou com os segadores:

— O patrão ainda não chamou, mas é melhor a gente voltar. Acho que ele não sabe fazer a sopa, é melhor eu ir lá ajudar.

Começaram a caminhada de volta, mas, assim que subiram o morro, viram os peixes e a sopa escorrendo, rolando ladeira abaixo, um por cima do outro, e o patrão correndo à frente daquela verdadeira enxurrada.

— Bem que vocês podiam ter cem estômagos cada um! — gritou, passando por eles como se estivesse sendo perseguido pelo Diabo. — Tomem cuidado para não se afogar na sopa! — E correu em direção à casa do irmão. Lá, ele lhe implorou que pegasse o moedor de volta e bem rápido:

— Se esse troço continuar fazendo comida por mais uma hora, a vila inteira vai ser destruída por arenques e sopa!

Porém, o irmão não quis pegar o moedor de volta, a menos que ele lhe pagasse trezentos dólares. E não teve jeito, ele teve que aceitar. Assim, o irmão pobre ficou com o dinheiro e conseguiu o moedor novamente. Não demorou muito para ter uma fazenda muito melhor que a do irmão rico. E o moedor produzia tanto dinheiro que ele cobriu a casa com placas de ouro. Como a casa ficava perto da costa, de longe era possível ver um brilho dourado. Todos os que passavam de barco por ali queriam visitar aquela fazenda com a casa de ouro e ver o maravilhoso moedor, pois sua fama tinha se espalhado por todos os cantos e não havia quem nunca tivesse ouvido falar dele.

Depois de muito, muito tempo, apareceu por aquelas bandas um capitão, que também queria ver o moedor, perguntando se ele era capaz de fazer sal.

— Sim, ele pode fazer sal — respondeu seu dono. Quando o capitão ouviu isso, desejou com todas as forças ter o moedor, a qualquer custo, pois acreditava que não precisaria mais navegar por mares perigosos em busca de sal. A princípio, o dono não queria se desfazer dele, mas o capitão tanto implorou e tanto rogou que, por fim, o homem o vendeu por milhares e milhares de dólares. O capitão colocou o moedor nas costas e saiu apressado, pois tinha muito medo de que o homem mudasse de ideia. Com isso, não teve tempo de perguntar como poderia fazer para que parasse de funcionar. Subiu a bordo de seu navio e foi embora o mais rápido que pôde.

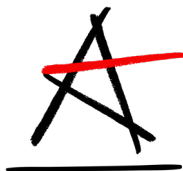
Depois de ter se afastado um pouco da praia, levou o moedor para o convés.

— Faça sal e faça direito e agora mesmo! — ordenou o capitão.

O moedor começou a fazer o sal até que ele jorrasse feito água e, quando o capitão encheu o navio, quis que ele pa-

rasse, mas, por mais que ele virasse e por mais que tentasse, o utensílio continuava a funcionar. O monte de sal foi ficando cada vez mais alto até que o navio afundou. E o moedor continua no fundo do mar, moendo dia após dia, e é por isso o mar é salgado.

Amanda Moura Editorial (AME)



Cursos para profissionais do texto e do audiovisual
Tradução, preparação e revisão de textos
Clube de leitura e aulas exclusivas

Acesse o site e conheça um pouco mais sobre a AME!

www.amandamoura.com



